

## Cartão preto: o Ludopedismo na luta antirracista mundial

Marcelo Cordeiro do Nascimento<sup>1</sup>

### Resumo:

Cartão preto: o Ludopedismo na luta antirracista mundial tem como objetivo discutir a relação entre futebol e racismo, e como o monitoramento e punição das manifestações racistas podem influenciar positivamente a postura antirracista na sociedade. Através da análise diacrônica e crítica de atos racistas no futebol brasileiro e mundial, estruturada com o apoio da literatura sobre futebol e da literatura sobre questões étnicas, discutimos a evolução da luta antirracista dentro de campo e sua relação com o momento em que ocorre. Através dos nossos estudos e análises, podemos notar que há um maior monitoramento no combate ao racismo no futebol. Apesar disso, ainda vemos posturas displicentes com relação à punição às manifestações racistas: a perseguição sofrida pelo jogador brasileiro Vinícius Júnior, por exemplo. Apesar da seriedade do problema, o governo espanhol e a La Liga lidaram de forma negligente com a questão. Contudo, apesar da demora, a justiça espanhola condenou três racistas a oito meses de prisão. Dessa forma, podemos notar que a luta antirracista deve ser constante, dentro e fora de campo, e deve gerar punições aos criminosos para que a cultura do ódio racial seja combatida. O futebol é uma ferramenta exemplar no combate ao racismo.

### Palavras-chave:

Ludopedismo. Antirracismo. Sociedade.

## Black card: Ludopedism in the global anti-racist fight

**Abstract:** Black card: Ludopedism in the global anti-racist fight has as its goal discussing the relationship between football and racism and how monitoring and punishing racist demonstrations can positively influence the anti-racist stance in society. By the diachronic and critic analysis of racist acts in Brazilian and throughout the world, structured with the help of literature about football and literature about ethnical questions, we discuss the evolution of the anti-racist fight on the field and its relationship with the moment in which it occurs. Through our studies and analyses, we can notice that there has been a greater technological monitoring in the combat to racism in football. Despite this, we still see careless attitudes regarding punishment for racist demonstrations: the persecution suffered by Brazilian player Vinícius Junior, for example. Despite the seriousness of the problem, the Spanish government and La Liga negligently dealt with the issue. However, despite the delay, the Spanish justice system sentenced three racists to eight months in prison. In this way, we can note that the anti-racist fight must be constant, on and off the field, and must generate punishments for criminals so that the culture of racial hatred is combatted. Football is an exemplary tool in the fight against racism.

---

<sup>1</sup> Mestre em Língua e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e Professor de Língua inglesa e portuguesa do Instituto Federal Catarinense, campus Blumenau. E-mail: [cordeiro2000@gmail.com](mailto:cordeiro2000@gmail.com) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5209-7711>

**Keywords:** Ludopedism. Antiracism. Society.

## Tarjeta negra: El ludopedismo en la lucha antirracista mundial

**Resumen:** Tarjeta negra: El ludopedismo en la lucha antirracista mundial tiene como objetivo analizar la relación entre el fútbol y el racismo y cómo monitorear y castigar las manifestaciones racistas puede influir positivamente en la postura antirracista de la sociedad. A través de los análisis diacrónico e crítica de actos racistas no futbol brasileño e mundial, estructurada con o apoio da literatura sobre futebol e da literatura acerca de las cuestiones étnicas, discutimos la evolución de la lucha antirracista en el campo y su relación con el momento en que ocurre. A través de nuestros estudios y análisis, podemos notar que ha habido un mayor seguimiento tecnológico en el combate a el racismo en futbol. A pesar de ello, todavía vemos actitudes descuidadas en cuanto al castigo de las manifestaciones racistas: la persecución que sufrió el jugador brasileño Vinícius Junior, por ejemplo. A pesar de la gravedad del problema, el gobierno español y La Liga abordaron el asunto con negligencia. Sin embargo, a pesar del retraso, la justicia española condenó a tres racistas a ocho meses de prisión. De esta manera, podemos señalar que la lucha antirracista debe ser constante, dentro y fuera de la cancha, y debe generar castigos a los delincuentes para que se combata la cultura del odio racial. El fútbol es una herramienta ejemplar en la lucha contra el racismo.

**Palabras-clave:** Ludopedismo. Antirracismo. Sociedad.

### 1 Os cartões no Ludopédio

Figura 1 - Atacante Hulk tomando cartão vermelho.



Fonte: Reprodução Premiere.

A quinta regra do futebol indica a presença do juiz e a sexta regra, a equipe de arbitragem – formada pelos árbitros assistentes, chamados de “bandeirinhas”, quarto árbitro e, recentemente, a equipe do VAR<sup>2</sup> – responsável pelo cumprimento das demais regras desenvolvidas para o esporte. Nas partidas oficiais<sup>3</sup> de futebol no final do século XIX e começo

<sup>2</sup> Vídeo Assistant Referee: árbitro assistente de vídeo.

<sup>3</sup> Antes do estabelecimento da equipe de arbitragem, o papel do juiz e assistentes era realizado pelos capitães das duas equipes. Hoje em dia, no futebol informal, qualquer um dos jogadores pode fazer o papel do juiz, o que, em muitos casos, gera discussões intermináveis. Provavelmente, daí surgiu a expressão “ganhar no grito”.

do século XX, as marcações do árbitro ou de seus auxiliares eram identificadas a partir de gestos e indicações da equipe de arbitragem. Contudo, algumas marcações poderiam não ficar claras para os participantes do jogo e gerar interpretações equivocadas, principalmente aquelas atreladas às questões disciplinares e, conseqüentemente, à justiça do jogo. Além do apito, instituído no final do século XIX, para alertar os atletas das marcações do árbitro, outro expediente que, hoje em dia, faz parte dos equipamentos de trabalho de um juiz de futebol são os cartões de advertência. A FIFA instituiu a utilização dos cartões amarelo e vermelho no futebol, na Copa do Mundo de futebol de 1970. Indicados para coibirem o jogo violento e o antijogo, eles foram criados pelo árbitro inglês Kenneth George Aston e foram inspirados nos sinais de trânsito, sendo o amarelo, uma advertência e o vermelho, uma expulsão, como vemos na imagem acima o atacante Hulk, do Atlético Mineiro, recebendo um cartão vermelho. Esse artigo é parte do capítulo final da obra Ludopedismo: a ciência do futebol arte (NASCIMENTO, 2022).

Figura 2 - Árbitro aplicando o cartão verde.



Fonte: Reprodução [www.rtp.pt](http://www.rtp.pt)

Além dos cartões amarelo e vermelho, há também experiências com cartões de outras cores, utilizadas para situações distintas. O cartão verde, que já chegou a ser utilizado na segunda divisão do campeonato italiano, como apresentado na imagem acima, é exibido para destacar alguma postura ética de algum jogador, como quando ocorre uma marcação errada da arbitragem, mesmo que ela prejudique seu próprio time. Há também a utilização do cartão rosa, indicado para substituição de atleta que tenha sofrido traumatismo craniano ou concussão. A preservação da integridade física dos atletas é uma das responsabilidades dos árbitros e bandeirinhas. No entanto, questiona-se também se não seria responsabilidade da equipe de arbitragem a preservação da integridade moral dos jogadores: de que forma a arbitragem deve agir, por exemplo, nos casos de racismo ocorridos em um jogo de futebol, considerando que, apesar do evidente progresso da sociedade, esse crime ainda é cometido. O racismo e o futebol, infelizmente, mantêm uma relação indissociável desde o surgimento oficial desse esporte, em seus moldes anglo-saxônicos. Aquele mesmo molde que era o desejado pelas elites nacionais. No entanto, ao aportar em terras brasileiras, esse esporte acabou tornando-se outra manifestação, pois:

vá alguém estudar a fundo o jogo de Domingos ou a literatura de Machado que encontrará decerto nas raízes de cada um, dando-lhes autenticidade brasileira, um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeira pernambucana ou malandragem carioca. Com esses resíduos é que o futebol brasileiro afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisíacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas e por um Domingos. (FILHO, 2010, p. 11)

Machado de Assis, escritor negro, maior referência brasileira na literatura em língua portuguesa no mundo, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, dois futebolistas negros, são exemplos de artistas, do final do século XIX e do começo do século XX, que emanam brasilidade e se tornaram referências de suas respectivas áreas de atuação, o que, para um negro no Brasil, é uma façanha destacável.

## 2 O negro no Ludopédio

Figura 3 - Equipe do Vasco da Gama dos anos 20 do século XX.



Fonte: Arquivo CRV.

Quando aportou no Brasil, no final do século XIX, o futebol era o esporte das elites, em geral descendentes de europeus, como o próprio Charles Miller, a quem é atribuída a “paternidade” do futebol brasileiro. Como essas elites eram formadas por eurodescendentes, obviamente, os negros e mestiços não estavam incluídos nesses primeiros grupos de futebolistas nacionais. Pelo fato de os afrodescendentes, como afirmou, em entrevista ao Los Angeles Times em 1989, o atleta norte-americano Carl Lewis, serem, em muitos aspectos físicos, mais “bem-feitos” e, por isso, se destacarem nos esportes, em especial naqueles que requerem força e resistência acima do normal (atletismo, basquetebol, boxe, futebol etc.), os negros e mestiços começaram a integrar as equipes de futebol. As posições de poder e os espaços de elite estão ocupados sempre por brancos: o padrão europeu é visto como o paradigma, inclusive para países onde a maioria é formada por não-brancos (SILVA, 2022). Então, no Brasil, o futebol, em seus momentos incipientes, era restrito a brancos da elite nacional, inclusive em seu selecionado. Coube ao Uruguai a primazia de ser a primeira seleção nacional das Américas a contar com atletas negros, já no começo do século XX<sup>4</sup>. No Brasil, a aceitação dos negros e mestiços foi mais complexa, pois havia o domínio da mentalidade de preconceição dos descendentes de europeus em detrimento de indígenas, negros e mestiços<sup>5</sup>, como ocorreu de forma institucional, em especial no sul do Brasil, onde, no final do século XIX, foram ofertadas terras a europeus brancos que quisessem se estabelecer no país tropical. O Vasco da Gama, como vemos na imagem acima, do Rio de Janeiro, foi um dos primeiros times brasileiros a aceitar jogadores negros e mestiços: apelando para a qualidade física, técnica, inventiva e comportamental dos jogadores negros, como também fez a seleção uruguaia, como vemos na imagem abaixo.

<sup>4</sup> O capitão e líder da seleção uruguaia campeã mundial de 1950 era um jogador mestiço que se chamava Obdulio Varela, mas que atendia, também, pela alcunha de *El Negro Jefe* (“O negro chefe”).

<sup>5</sup> O time do fluminense do Rio de Janeiro ficou conhecido como “Pó-de-arroz” por conta da utilização desse tipo de maquiagem para clarear a pele de jogadores mestiços do time.

Na primeira metade do século, a elite brasileira sentia-se incomodada com a presença dos negros e mestiços em ambientes que, primordialmente, “pertenciam” aos brancos. Com a entrada de outras etnias e classes sociais no campo de jogo, as elites nacionais passaram a se incomodar, ainda mais, com aquelas presenças (FILHO, 2010) (DA MATTA, 1982), pois “O rapaz de boa família, o branco tem que competir em igualdade de condições com o pé rapado, quase analfabeto, o mulato, o pardo para ver quem jogava melhor” (FILHO, 2010, p. 11). O futebol acabou se tornando, de forma prática, um ambiente onde a democracia funcionava efetivamente e os privilégios sociais, os sobrenomes, as cores das peles, eram – ou pelo menos deveriam ser – deixados de lado, ao menos naqueles 90 minutos.

Figura 4 - Seleção uruguaia campeã de 1950.



Fonte: El Grafico.

O drible – um dos expedientes futebolísticos mais associados ao povo brasileiro – foi, e ainda é utilizado com recorrência e excelência por negros e mestiços, pois, no final do século XIX e começo do século XX, as agressões físicas direcionadas aos negros e afrodescendentes não eram punidas: eram consideradas jogadas normais. Isso fez com que aqueles primeiros jogadores negros e mestiços tivessem que desenvolver, criar e aprimorar o drible como forma de escapar das botinadas dos “civilizados” eurodescendentes. Além dessa agressão ao corpo, era constante também a agressão à honra dos jogadores negros, que são exemplificadas por apelidos que buscavam depreciar o jogador por conta da sua condição étnica. As denominações eram diversas e tentavam destacar a cor do jogador associando-a a algum outro elemento – chocolate, café etc. –, em um processo de desumanização que tem sua exemplificação mais contemporânea nos diversos episódios criminosos em que jogadores negros são chamados de “macaco”. Contudo, essa situação não é algo que surgiu há pouco tempo. Por outro lado, confirmando o caráter eminentemente emocional do futebol, jogadores negros da primeira metade do século XX também eram enaltecidos. Didi, um dos líderes da seleção brasileira campeã de 1958, era chamado de “Mr. Football” e “Napoleão Negro”, pela imprensa europeia (RIBEIRO, 2014). Antes mesmo de Pelé, ele já era apontado como o representante maior de uma realeza, quando Nelson Rodrigues via “o Brasil já campeão e o rei Gustavo Adolfo da Suécia a apertar-lhe a mão. Na mesma hora imaginei: dois reis” (RIBEIRO, 2014, p. 21).

### 3 O racismo no ludopédio brasileiro e mundial

Apesar de o futebol, atualmente, ser um dos poucos ambientes onde os negros apresentam protagonismo e destaque positivo, muitos atletas brasileiros ainda enfrentam manifestações racistas, que já ocorriam quando da chegada do esporte ao país. Muitos jogadores negros históricos tiveram que enfrentar o racismo durante o século XX. É impossível, nessas linhas, comentar detalhadamente cada um dos casos mais notórios, mas podemos citar alguns exemplos paradigmáticos de como o racismo operava nessa primeira metade do século XX no meio do futebol e em como os jogadores negros e mestiços lidavam com ele.

Friedenreich, considerado um dos primeiros craques do futebol brasileiro parecia uma síntese do próprio povo: “atraia a atenção pelo seu perfil: mulato, olhos esverdeados, cabelos crespos, magro, 1,72 m de altura e 52 kg” (DUARTE, 2012, p. 30); “de olhos verdes, um leve tom azeitona no rosto moreno, poderia passar se não fosse o cabelo. Levava horas para amansar o cabelo”. (FILHO, 2010, p. 61). O primeiro ídolo do futebol brasileiro era um filho de um alemão, de quem herdara o sobrenome, com uma negra, em um processo de mestiçagem que é uma das características de nosso país. Por conta da sua condição de mestiço, Friedenreich poderia fazer uso de estratégias e técnicas estéticas (alisar o cabelo, utilizar pó-de-arroz no rosto etc.). No caso de jogadores mais retintos, não havia estratégia eficiente para disfarçar-se de não-negro: então, sobrava-lhes vencer os racistas pela superlatividade de sua excelência, como é o caso de Leônidas da Silva, o Diamante Negro.

Máximo e Castro (2011, p. 03 e 80) indicam que Leônidas da Silva foi o “inventor da bicicleta, a primeira celebridade do nosso futebol a se tornar celebridade fora do campo” e que “seu talento e sua arte ficaram para a história do futebol, talento e arte marcados sobretudo pelo poder de criação”. Mesmo já sendo um craque consagrado, Leônidas teve que enfrentar o racismo em sua transferência do Botafogo para o Flamengo, sendo negociado por um preço insignificante e “para humilhar ainda mais o craque, Carlito Rocha<sup>6</sup> (...) pediu para que esperassem (...). Exatamente depois de três horas debaixo de um sol escaldante, Leônidas recebeu a rescisão de contrato que tanto esperava” (RIBEIRO, 2010, p. 94). Como se o dirigente botafoguense quisesse deixar claro que, como todo “neguinho”, Leônidas deveria saber qual era o “seu” lugar. Essa situação reforça como o pacto da branquitude (SILVA, 2022) opera, mesmo contra negros e mestiços que alcançam o status de celebridades nacionais. Da Matta (1982, p. 11) dedica sua obra *Universo do futebol* “Aos jogadores de futebol que nos fizeram acreditar mais em nós mesmos”, pois “O futebol permite descobrir a nossa alma e o nosso coração de modo positivo”. É uma das referências que faz com que nosso povo desenvolva algum sentimento de orgulho por nossa nação que possui diversos motivos, também, para que nos envergonhemos, como é o caso do racismo cordial inato que sempre é ativo quando um negro em posição de destaque comete uma falha: esse erro pode ser o fim de uma carreira ou, pior, de uma vida, como foi caso do goleiro Barbosa do Vasco da Gama e da seleção brasileira.

Considerado culpado pela derrota do Brasil na Copa do Mundo de 1950, em pleno Maracanã, muitos atribuíram, ao fato de ele ser de uma raça “menor” (GARRIDO, 2014). O linchamento sofrido por Barbosa foi tão profundo e cruel que foi criado o mito de que a seleção brasileira não poderia ter goleiros negros, pois essa seria uma posição na qual não seríamos

---

<sup>6</sup> Dirigente do Botafogo responsável pelas negociações dos jogadores nos anos 30 do século XX.

muito hábeis. Mito infundado, principalmente quando vimos arqueiros negros como Dida, Felipe, Helton e Jefferson sendo convocados para a seleção brasileira e fazendo a parte que lhes cabe. O julgamento que deveria ter um caráter técnico – Barbosa havia falhado no lance do gol ou não? – passou a ter um caráter étnico injustificável, se não soubéssemos que o “brasileiro médio”, no fundo, tem um racismo inato, pronto para aflorar nos momentos “propícios”. Barbosa chegou a comentar, já no final da vida, que mesmo que ele fosse o responsável por aquele “crime”, já haviam passado mais de 30 anos que – de acordo com o código penal brasileiro – é o tempo máximo para a condenação de um criminoso. Barbosa sabia que estava condenado pelo resto de sua vida: por ter falhado em um momento crucial e, de acordo com muitos pensadores afrodescendentes, o negro não temo nenhum direito de falhar: ele tem que ser perfeito para, aí sim, ser tratado, talvez, de forma igualitária.

Uma das tentativas de os racistas tratarem de maneira desigual os jogadores negros, é a agressão moral. Dentro do futebol, o compêndio de eventos racistas é tão vasto e amplo que através de um recorte diacrônico das manifestações racistas mais repugnantes da história do futebol mundial, indicando os países onde mais ocorrem e os jogadores que são alvos preferenciais dos ataques covardes, ridículos e criminosos de parte de “torcedores”, conseguimos identificar alguns padrões. Em algumas situações, essas manifestações são até mesmo vistas como parte do próprio jogo ou competição. Na América do Sul, as partidas de futebol da maior competição regional muitas vezes são comparadas a guerras. Em alguns casos, parece uma batalha entre a civilização e a barbárie, onde o racismo é visto como parte de uma estratégia para vencer o jogo, quando, na verdade, ao menos em terras brasileiras, é um crime.

A Copa Libertadores da América é um dos ambientes ludopédicos onde esse crime ocorre de forma constante, principalmente nos embates entre times argentinos e brasileiros. São incontáveis as situações em que os jogos nessa competição se aproximam de uma batalha que, algumas vezes, recorrem a referências culturais e/ou étnicas. Essa situação ocorre não apenas em nossa contemporaneidade, mas desde o surgimento dessa competição, nos anos 60: no embate entre Boca Juniors e Santos, Pelé, já consagrado com dois campeonatos mundiais pela seleção brasileira e outras conquistas por seu time, foi “recepionado” por um coro de cerca de 50.000 argentinos que entoavam dos fundos de seus pulmões: “*Pelé, hijo de puta, macaquito de Brasil!*”<sup>7</sup>. O maior atleta do século XX respondeu da melhor maneira possível: driblando, fazendo gol e vencendo os adversários dentro dos seus próprios limites. E, nesse caso, ainda há um elemento da histórica rivalidade entre Brasileiros, povo mestiço que, depois de muitos processos dialéticos que ainda perduram, acabou reconhecendo seu caráter peculiar, e argentinos, povo que se orgulha de “suas” origens e durante muito tempo autodenominava-se, principalmente os portenhos, a “Paris da América Latina”, até que uma crise financeira lhes mostrou que estavam muitos mais próximos do Haiti do que da Suíça, em termos econômicos. No entanto, essa empáfia dos jogadores argentinos pode estar ligada a essa sensação de superioridade que é identificada na sociedade argentina: o argentino – como diz o velho ditado portenho – come “papa frita e arrotas caviar”.

Historicamente, o preconceito também se manifesta através da antroponímia racista: jogadores negros, em contextos majoritariamente brancos, tendem a ser apelidados por conta da sua condição étnica, dentro do expediente que foi denominado racismo recreativo. Alguns jogadores profissionais, inclusive, acabam – talvez em um processo inconsciente de

---

<sup>7</sup> Essa é uma das cenas mais emblemáticas do documentário Pelé Eterno de Aníbal Massaini.

ressignificação – assumindo seus nomes ludopédicos: Os atletas e ex-jogadores Apagão, Grafite, Cacau, Negueba, Somália e Fumaça têm, registrados em seus nomes ludopédicos, a marca do racismo recreativo, desenvolvido pelo racismo estrutural que busca coletivizar os negros – tirando-nos a individualidade – com denominações estigmatizantes. Contudo, com a hegemonia e protagonismo dos jogadores negros de futebol, a maior diversidade gerada pelas constantes miscigenações e a própria evolução dos tempos, os apelidos foram sendo deixados de lado e os atletas passaram a ser denominados pelos nomes e sobrenomes. Apesar de essa ser uma mudança importante, não devemos nunca nos esquecer que, no caso dos jogadores brasileiros negros e mestiços, seus nomes oficiais não correspondem a suas referências étnicas. Isso ocorreu por conta dos processos de invasão e pilhagem sofridos pelas populações indígenas e tentativas de apagamento das culturas autóctones e dos africanos sequestrados durante o tráfico negreiro. Os nomes e sobrenomes dos negros brasileiros não fazem referências a nossas raízes históricas, pois foram imposições eurocêntricas e caucasianas da sociedade racista da época da formação do país como forma de apagamento das nossas raízes e origens<sup>8</sup>.

Como a tendência, em tese, de uma sociedade humana é a evolução, poderia se imaginar que com a virada do século, eventos preconceituosos de cunho racial e étnico estariam relegados ao passado e os ares do novo milênio arejariam as mentes e espíritos das novas gerações. Contudo, em vez disso, a situação começou a ficar mais séria e complexa, em especial com o advento das redes sociais, que acaba alimentando bolhas existenciais onde o racismo vige. Em países como Rússia, Itália e Espanha, as agressões racistas a jogadores negros e afrodescendentes são tão recorrentes que podem ser encontradas semanalmente nos hebdomadários desses países. E alguns jogadores, por algum motivo específico que desconhecemos, além de serem negros, parecem ser os alvos preferenciais: na Rússia, acontecia com Roberto Carlos e com Hulk; na Espanha, o lateral brasileiro Marcelo, quando jogava pelo Real Madrid, foi a bola da vez; na Itália, Eto'o, Boateng e Balotelli já cansaram de tanto sofrer que resolveram tomar suas atitudes: o primeiro transferiu-se do futebol espanhol para o futebol inglês, o segundo chegou a se retirar de um jogo quando a torcida começou a entoar cânticos racistas, sendo surpreendente e admiravelmente seguido pelos outros jogadores, e o terceiro, não se conteve e chorou, semelhante à atitude do zagueiro brasileiro Paulão do Bétis: sem dúvida alguma um choro de raiva, indignação e de indagação: “Por quê?”.

Atualmente, o alvo preferencial dos racistas europeus é o atacante Vinícius Jr. Em verdade, antes mesmo de efetivar a transferência do Flamengo para o Real Madrid, alguns jornalistas e comentaristas brasileiros criticavam o time espanhol por ter contratado um jogador que era considerado sem futuro, um “perminha”, como dizemos na gíria do futebol. Muitos – novamente dentro do espectro da antroponímia racista – o apelidaram de “Neguebinha”, como uma referência negativa a um ex-jogador do rubro-negro carioca que era reconhecido por sua pouca intimidade com a bola e as quatro linhas. O atacante madrileno, em vez de perder tempo discutindo e retrucando seus detratores, preferiu focar no trabalho e desenvolvimento como atleta e ser humano. O resultado de sua dedicação é evidenciado em seus números, conquistas e quebra de recordes com o time espanhol. Além de sua excelência dentro de campo, ele também se notabilizou por sua luta contra o racismo na Europa.

---

<sup>8</sup> O atacante Vinicius Jr. foi homenageado pela CBF na partida entre Brasil e Uruguai em Salvador, no Dia da Consciência Negra, recebendo um certificado que indica suas origens na tribo Tikar, na região que hoje pertence a Camarões.

Infelizmente, Vini Jr. acabou lidando praticamente sozinho com um enfrentamento que deveria ser coletivo<sup>9</sup>: não houve uma maior movimentação dos seus colegas de clube, do próprio Real Madrid – que, pelo contrário, acabou fazendo uma postagem desastrosa nas redes sociais de “apoio” ao jogador – e da La Liga. Um dos poucos que se manifestou publicamente de maneira incisiva foi o técnico Carlo Ancelotti que, em entrevista coletiva, demonstrou sua indignação com o tratamento dispensado a um jogador que, neste ano, é um dos candidatos ao prêmio de melhor jogador do mundo<sup>10</sup>. A excelência negra, seja ela técnica, financeira ou de outra natureza, sempre incomodou e incomoda os racistas. E continuará incomodando.

Sabemos que no futebol, assim como na guerra, o limite entre o ético e o aético é muito tênue: em certos momentos, xinga-se, tem-se atitudes homofóbicas, machistas e racistas como forma de desestabilizar emocionalmente o adversário e, dessa maneira obter-se a vitória. O meia argentino Conca, que ficou conhecido nacionalmente por sua passagem pelo Fluminense, em entrevista a jornalistas brasileiros, comentou que os argentinos costumam chamar os brasileiros de “mono” por saberem que isso nos desestabiliza. Enquanto alguns jogadores brasileiros “perdem a cabeça”, outros ignoram as agressões verbais e morais. Contudo, a equipe de arbitragem precisa ter a postura adequada para coibir os atos racistas em campo e punir os que os cometerem. Atualmente, há um maior monitoramento das agressões racistas entre jogadores, como no caso da acusação do meio campista Gerson do Flamengo contra o meia Índio Ramirez – que, na época, jogava no Esporte Clube Bahia –, em que o jogador da equipe carioca afirmava que o meia do time baiano havia o agredido verbal e moralmente, em um jogo entre Bahia e Flamengo em 2020. Apesar de não ter sido comprovada – Ramirez concedeu entrevista para dizer que as acusações eram falsas –, essa situação deixou em alerta os jogadores negros e mestiços, não apenas do Brasil, mas em outros países onde a miscigenação é análoga. Antes da copa do mundo de 2014, alguns jogadores negros da seleção francesa aventaram a possibilidade de boicote à Copa do Mundo, caso ocorressem eventos racistas em jogos de que participassem. Parece uma atitude drástica, mas, como disse um filósofo, certa feita, é melhor agir e acabar errando do que não arriscar cometer um acerto.

Figura 5 - Volante cruzeirense Tinga em jogo pela Libertadores.



Fonte: Reprodução TV Globo Minas.

<sup>9</sup> O atacante madrileno, talvez já cansado do enfrentamento, chegou a chorar dentro de campo, em jogos do seu time e em entrevista coletiva pela seleção brasileira.

<sup>10</sup> O prêmio de melhor do mundo de 2024 foi conquistado pelo volante espanhol Rodri, do Manchester City, o que gerou diversas críticas.

O volante Tinga, na imagem acima, quando atuava pelo Cruzeiro em 2014, enfrentou uma situação paradigmática do racismo em campo: um corolário de que ele continua forte e pulsante, até mesmo em países que imaginávamos não compartilharem das doenças mentais ou comportamentais – afinal, é isso que o racismo acaba sendo – oriundas do velho mundo e absorvidas por países do chamado Novo Mundo. Em jogo válido pela Copa Libertadores da América, entre o time mineiro e o Real Garcilaso do Peru, o volante Tinga era injuriado racialmente pela torcida adversária toda vez que tocava na bola. O jogador comentou em entrevista posterior que preferiria trocar todos os seus títulos pelo fim do racismo. Certamente, essa situação não havia sido a primeira a ser enfrentada pelo atleta, mas, talvez, nunca tivesse experimentado uma agressão nessas proporções. Se é possível tirar algo de bom desse evento lamentável e criminoso, é a necessidade de ficarmos de olhos e ouvidos bem atentos para sabermos que o racismo nunca vai acabar: mas ele pode ser controlado e coibido com medidas legais. Apesar de ter enfrentado essa situação, Tinga, em recente entrevista a um podcast, disse que não gostaria de ser visto como um exemplo e nem gostaria de carregar o fardo de ser um ativista da causa negra, pois cria que suas atitudes dentro e fora de campo já seriam suficientes para servir de exemplo. Entretanto, outros jogadores tiveram que tornar-se referências nas questões raciais independentemente de suas vontades.

Figura 6 - Goleiro Aranha enfrentando torcedores racistas, quando atuava pelo Santos.



Fonte: Pedro Tesch. FolhaPress.

O goleiro Aranha, na imagem acima, quando atuava pelo Santos, em jogo válido pela Copa do Brasil de 2013, foi alvo de manifestações racistas por parte de “torcedores” e “torcedoras” do Grêmio. O que fez com que aquela situação não passasse tão despercebida foi o fato de que uma “torcedora” foi flagrada chamando Aranha de “macaco”. A imagem, inclusive, é bastante ilustrativa, pois uma criminosa branca e loira grita repetidas vezes o insulto e, a seu lado, há outra torcedora branca que, apesar de não seguir a postura criminosa flagrada, fica calada, com uma expressão anódina, como se nada estivesse acontecendo. Ambas as posturas são inadequadas, pois, ao deparar-se com uma situação de discriminação e preconceito racial, é imperioso que atitudes sejam tomadas. O silêncio e a negligência acabam favorecendo os discursos e atitudes racistas, pois a inércia pressupõe uma importância menor da situação. Contudo, nossa legislação indica que os casos de racismo devem ser punidos. O arqueiro do Santos fez o que todo jogador que enfrenta esse tipo de situação deveria fazer: parou o jogo e indicou ao juiz o que estava ocorrendo. Não é possível ouvir o que o atleta fala,

mas, pelos gestos, é possível identificar que ele indicou que os “torcedores” faziam gestos simiescos direcionados a ele.

Depois que o jogo finalizou, uma novela tomou conta dos noticiários esportivos: a “torcedora” pediu desculpas em público e pediu perdão ao goleiro, jurando que não era racista, que tinha, até mesmo – pasmem! – amigos negros – geralmente a justificativa mais corriqueira utilizada por quem é racista, mas quer passar uma imagem contrária. O caso saiu dos estádios e passou a ser discutido pela sociedade. O goleiro não deixou por menos e disse que iria até o fim: acabou por tornar-se um símbolo da luta contra o racismo, sendo, inclusive, condecorado pela presidente, à época, Dilma Rousseff. A “torcedora” não foi presa, mas o Grêmio foi eliminado da Copa do Brasil e alguns dirigentes sulistas disseram que – não sabemos se de forma demagógica –, se aquele fosse o preço a pagar para acabar com o racismo, eles aceitariam. Tanto que nem recorreram da decisão do STJD. Discute-se se seria justo punir um clube inteiro pelo comportamento de parte de sua torcida. No entanto, para aqueles que lutam contra o racismo, a punição – ao agressor, ou agressora, à torcida ou ao clube – é um alento em um mundo em que racistas, durante muito tempo, cometiam crimes e passavam incólumes a qualquer tipo de punição. Foi necessário que jogadores, como o goleiro Aranha, tivessem que partir para o enfretamento direto: talvez sem ter desejado, ele acabou se tornando um ativista importante da causa antirracista no Brasil, mesmo que, para isso, tenha praticamente encerrado sua carreira, após o episódio criminoso de que foi alvo.

Os torcedores peruanos e os torcedores gremistas que se manifestaram de maneira doentia, criminosa e covarde contra o volante e o goleiro brasileiros talvez precisassem passar por alguma medida legal drástica para saberem que quando eles imitam o macaco, eles, na verdade, não estão ofendendo nenhum negro: eles estão ofendendo suas próprias origens, pois somos todos, brancos, negros, indígenas, asiáticos, incas, vikings, esquimós netos do mesmo avô e da mesma avó que desceram das árvores e começaram a usar seus membros frontais como superiores. Infelizmente, alguns torcedores esquecem de usar, também, seus cérebros. Em verdade, o racismo é o refúgio seguro da incompetência, da canalhice e do crime, pois o racista se escora na exclusão dos “diferentes” para continuar mantendo o pacto da branquitude que privilegia os brancos independentemente de suas capacidades e/ou habilidades – ou, preferencialmente, a falta delas (SILVA, 2022). Dentro dessa mentalidade, retrograda e asquerosa, o branco é aceito em qualquer condição, enquanto os negros – mesmo aqueles que desenvolvem uma excelência em sua área de atuação profissional – não são tratados de forma equivalente<sup>11</sup>. Em verdade, a excelência negra não é aceita dentro desse pacto, pois os racistas desejam o extermínio da população negra. No futebol contemporâneo, temos talvez o maior exemplo da perseguição racista e xenófoba a um jogador negro e brasileiro bem-sucedido profissional e economicamente.

---

<sup>11</sup> O escritor carioca Lima Barreto afirmava que “os brancos são julgados a posteriori, enquanto os pretos são julgados a priori”.

#### 4 O caso Vini Jr.

Figura 7 - Vinícius Júnior comemorando um gol com gesto antirracista.



Fonte: Reprodução

Talvez não conheçamos uma perseguição racista tão constante, ininterrupta e covarde – com o perdão da redundância – quanto a enfrentada pelo atacante brasileiro Vinícius Júnior, na imagem acima comemorando um gol. Mesmo antes de se transferir para o Real Madrid, em 2017, ele já era alvo de parte da própria imprensa brasileira. O meia holandês Clarence Seedorf – que também é negro – chegou a cravar que nem Vini Júnior ou Rodrygo conseguiriam jogar no Real Madrid. Como comentarista de futebol, Seedorf acabou evidenciando uma completa falta de sensibilidade ludopédica, sendo desmentido pela realidade: tanto Vini Jr. quanto Rodrygo não só jogam no maior time do mundo – o primeiro sendo considerado titular intocável –, como já foram campeões da *Champions League* e do mundial de clubes. Neste ano, Vini Jr. era um dos favoritos ao prêmio da Bola de Ouro, mas ficou em segundo lugar. O que não se sabe é se a sua luta individual contra o racismo foi um elemento que ajudou ou atrapalhou as decisões dos votantes, afinal muitos críticos – brancos, em sua maioria – vaticinam que o atacante deveria preocupar-se apenas em jogar futebol e deixar de lado as questões ligadas ao racismo que enfrenta, como se essa ação fosse opcional. Esses críticos, no entanto, talvez não saibam que, em muitos casos, não é uma questão de opção: os negros e mestiços são atirados às bestas racistas e precisam desenvolver uma resiliência e força mental sobre-humanas. Essa é uma guerra que Vini Jr. parece enfrentar há muito tempo.

No Brasil, é muito comum surgirem jogadores muito habilidosos no futebol de várzea, no futebol de salão ou, até mesmo, no futebol informal de praia. Vini Jr. é um jovem de origem humilde que encontrou no futebol a possibilidade não só de ascensão social, mas também como forma de tornar-se uma referência no esporte que pratica profissionalmente. Ele é a metonímia do menino pobre e preto que consegue “subir na vida” com o auxílio do futebol. Infelizmente, a história do atacante deve ser vista como uma exceção: geralmente, os meninos pretos e pobres que dominam o futebol acabam desistindo de buscar a profissionalização nessa área, indo atrás da sobrevivência mais elementar, através de outras ocupações. A excepcionalidade do caso de Vinícius Jr. fez com que ele pudesse viver o sonho – e a realidade – do futebol desde muito cedo: quando foi federado pelo Flamengo, aos 10 anos de idade, Vinícius Jr. já era tratado como um jogador único. Sua velocidade, capacidade de drible e visão de jogo eram características que faziam dele uma realidade no mundo da bola: o Corinthians, confirmando a excepcionalidade do atleta, havia tentado algumas vezes levá-lo para o Parque São Jorge. O Flamengo sabia que aquele jogador poderia render muito mais do

que a quantia que o time paulista oferecia. A qualidade de Vinícius Jr. só poderia ser negociada em valores ainda mais altos e para praças esportivas de maior destaque mundial.

Quando Vini Jr. foi negociado para o Real Madrid, aos 17 anos de idade, por 45 milhões de euros, talvez não imaginasse que fosse enfrentar uma das perseguições mais injustas e covardes da história do futebol. Certamente, teve a informação da forma desbragada e, até mesmo, chancelada por governos e sociedades, de como o racismo opera na Europa. Diferentemente do Brasil, onde o racismo cordial não se apresenta diretamente, na Europa, ele é aberto e nem mesmo as legislações nacionais teoricamente igualitárias conseguem coibi-lo. Como o futebol é uma manifestação sociocultural que mexe com as emoções mais recônditas dos torcedores – os torcedores têm “time do coração” e não “time do cérebro” –, muitos racistas se revelam no ambiente do futebol, aproveitando convenientemente que não estão sozinhos: a pusilanimidade é um dos expedientes preferidos do racista.

Os ataques racistas contra Vini Jr. na Espanha podem ter um primeiro momento de destaque. No programa televisivo “Chiringuito Show”, em 2022, um agente de jogadores, criticando a forma peculiar com a qual o atacante fazia as suas jogadas, havia dito que Vini deveria parar de “*hacer el mono*”, em uma afirmação xenófoba e racista que foi imediatamente rechaçada pelo apresentador do programa que disse que o agente não poderia se referir daquela maneira ao jogador, tomando a atitude adequada em relação ao crime cometido. Diversos clubes, ex-jogadores, jornalistas e atletas saíram em defesa do atacante brasileiro e cobraram punições ao agente, sem saber, talvez, o que ainda estava por vir. No mesmo ano, torcidas de times adversários do Real Madrid entoaram cânticos racistas direcionados à Vini Jr. chegando a, no ano seguinte, pendurar um boneco representando o atacante brasileiro, do lado de uma faixa com a frase “Madrid odeia o real”: o boneco era pendurado com uma corda em volta do pescoço, como se estivesse sendo enforcado. Apesar do apoio, Vini Jr. teve que enfrentar também a insensibilidade de comentaristas – que afirmavam que ele deveria apenas jogar futebol e “esquecer” os ataques racistas. Alguns desses comentaristas eram jogadores e ex-jogadores negros e mestiços, o que deixa a situação ainda mais complexa.

Mais absurdo ainda foi a postura do presidente da La Liga, Javier Tebas. Em vez de apoiar Vini Jr. quando vociferou sua indignação com o cartão vermelho que recebera por questionar o juiz em relação aos gritos racistas vindos da torcida, o chefe do futebol espanhol preferiu criticar o jogador carioca, gerando um entrevero nas redes sociais e se abstendo da responsabilidade de punir os criminosos, responsabilidade atrelada ao seu cargo. Em vez de reconhecer a realidade do racismo em La Liga e na Espanha, o presidente preferiu responsabilizar o jogador por sua conduta. Talvez, por conta de seu cargo e imaginando que, dada a hierarquia, o atacante iria rever sua posição e acatar a indicação do mandatário da liga espanhola de futebol, ele talvez tenha se surpreendido com a postura de Vini Jr. Em vez de se intimidar, o jogador resolveu ser direto e – questionando a inércia e a omissão do próprio presidente – deixar sua mensagem bastante evidente ao dizer que: “Omitir-se só faz com que você se iguale à racistas. Não sou seu amigo para conversar sobre racismo. Quero ações e punições. *Hashtag* não me comove”. As palavras bonitas, as frases de efeito, as notas de “repúdio” puramente protocolares, servem apenas para que seus autores passem uma imagem de progressistas, mas não afetam diretamente o problema. Em um momento em que o racismo continua vivo e ativo, é necessário que, em vez de retóricas vazias, as ações efetivas e punições estejam na ordem do dia.

Figura 8 - Camavinga, Vinícius Júnior, Ancelotti, Militão, Alaba e Rodrygo comemorando o título.



Fonte: Reprodução (instagram)

A luta antirracista parece, recorrentemente, inglória e solitária. Em alguns momentos, há a impressão de que se luta sozinho. Vini Jr. parece nem mesmo contar com o apoio de seus companheiros de profissão. Contudo, alguns jogadores mais próximos dele e o próprio técnico do Real Madrid, como vemos na imagem acima, demonstram um companheirismo necessário para quem enfrenta o racismo. Como toda luta justa acaba gerando uma conquista, a justiça espanhola condenou três torcedores a 8 meses de prisão. Como é uma pena com menos de um ano de encarceramento – apesar de os criminosos ficarem 2 anos sem poder frequentar estádios de futebol –, é muito provável que os criminosos não sejam presos e a pena seja convertida em trabalhos comunitários ou atividade análoga. O mais importante dessa sentença é que ela pode servir de jurisprudência para ser utilizada nos outros casos que, possivelmente, irão ocorrer, afinal, o racismo baseia-se na manutenção de privilégios e é o recurso recorrente do incompetente e do mau caráter. Muito da raiva que os racistas sentem por Vini Jr. reside no fato de ele ser um preto, de origem pobre, brasileiro, que obteve diversas conquistas, dentro e fora de campo. O racista não consegue aceitar que um jovem negro esteja em condições sociais mais privilegiadas do que os que sempre tiveram acesso aos estratos sociais mais elevados. O progresso da sociedade, entretanto, pressupõe que os grupos sociais que foram excluídos historicamente “dessa festa nobre”, agora, sejam protagonistas de suas próprias histórias e estejam em todos os lugares e ambientes onde queiram.

## 5 Cartão preto: ações de enfrentamento ao racismo dentro de campo

O enfrentamento ao racismo no futebol deve contar com a integração de diversos setores. Atualmente, as ocorrências dentro do campo entre os jogadores são mais monitoradas, não só por conta do progresso da sociedade, mas também pela punição aos racistas: o jogador argentino que cometeu racismo, no jogo entre São Paulo e Quilmes em 2005, contra o atacante Grafite, do tricolor paulista, saiu do estádio direto para a cadeia. Os jogadores racistas, então, no Brasil, sabem que enfrentarão a lei, caso coloquem para fora suas visões criminosas e retrógradas. Os sistemas de monitoramento da contemporaneidade – que são bem evidenciados com o advento do VAR – também têm seu papel no combate aos crimes dentro de campo: com a quantidade de câmeras e registros das partidas, um jogador racista poderá ser identificado mais facilmente do que em momentos anteriores do esporte. Há, também, a mudança e evolução dos tempos: muitas abordagens, que eram comuns e corriqueiras em tempos antigos, hoje em dia não são aceitas. Até pouco tempo, os racistas se manifestavam – às vezes, se

escondendo no expediente do racismo recreativo –, e não sofriam punições. Hoje em dia, principalmente por conta da legislação, há a possibilidade de responsabilização do agressor em campo. Fora de campo, nas arquibancadas, por exemplo, há um pouco mais de dificuldade de identificação dos racistas porque, em alguns casos, eles se escondem na coletividade e, quando flagrados, tentam esquivar-se da responsabilidade.

Em vez das manifestações racistas nos estádios, as verdadeiras torcidas são aquelas que trazem a alegria para os estádios, principalmente na forma de chacotas e provocações sadias e inevitáveis. As torcidas dos times do Nordeste – em especial, as torcidas baianas – sempre foram um exemplo de civilidade e de inteligência, no que tange à relação saudável entre torcidas adversárias. Como não lembrar de torcedores ilustres como Lourinho, na imagem abaixo, macumbeiro oficial do Esporte Clube Bahia? Ele foi considerado um dos responsáveis, junto com o time de Bobô, Charles e Ronaldo Passos, pelo título nacional de 1988. Seus bonecos vodus do goleiro Taffarel, com os braços amarrados, são uma das imagens mais icônicas daquela conquista histórica. Inclusive, muitos torcedores se apaixonam por seus clubes, não por conta de times, títulos, conquistas, mas por conta da torcida. Havia, inclusive, em Salvador, na antiga Fonte Nova, o expediente da torcida mista: as torcidas do Bahia e do outro time da capital baiana assistiam os jogos das suas equipes lado a lado, evidenciando uma harmonia que, hoje em dia, é praticamente impossível, a ponto de alguns jogos serem realizados com apenas a torcida de um dos times, para evitar confrontos quase incontrolláveis.

Figura 9 - Evilásio “Anãozinho do Bahia” Souza e Lourinho.



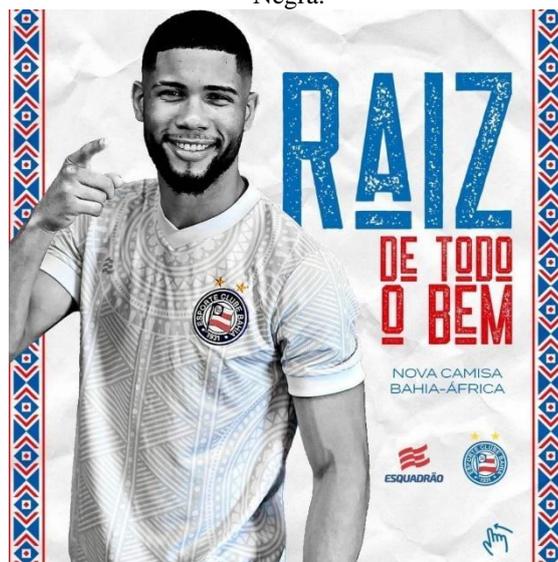
Fonte: Reprodução Instagram.

Em vez da violência, as torcidas deveriam realizar embates metafóricos através das referências cômicas ao time adversário: a torcida do Bahia, como forma de provocar o rival, costuma lembrar da chamada Fuga das Galinhas, referência ao Ba-Vi da “paz”, em 2018. Após identificar que seu time iria tomar uma goleada histórica, o técnico do rubro-negro, Wagner Mancini, ordenou que seus jogadores forçassem expulsões, até que o time ficasse sem o número mínimo de jogadores necessários para dar continuidade à partida que foi encerrada, sendo confirmado o W.O para o tricolor baiano. A tiração de sarro dos torcedores do Bahia – desde o arremesso de milho no chão até a máscara da galinha pintadinha – faz com que o futebol fique ainda mais divertido, atraindo a atenção até mesmo de torcedores de outras equipes. A postura mais leve e divertida dos torcedores da boa terra evidencia como o futebol pode ser utilizado com um caráter muito mais lúdico e integrativo. Pelo seu caráter

democrático inato, o futebol é uma ferramenta excelente para conexão entre indivíduos diferentes e serve de metáfora para o próprio processo democrático do país.

Sem querer “puxar brasa para a sardinha” – com o perdão do trocadilho –, o Esporte Clube Bahia – que no estado de origem, recebeu uma grafia diversa da do estado, mais próxima da enunciação oral do nome da equipe: Bahêa –, na contemporaneidade, é o maior representante de uma visão crítica positiva da sociedade, ao ponto de ser reconhecido pelo jornal inglês *The Guardian*, em 2019, como o time mais progressista do Brasil, por conta de suas campanhas contra o machismo, homofobia, racismo e desrespeito à natureza, por exemplo. Esse reconhecimento internacional não chega a ser surpreendente, pois o estado da Bahia, e a capital soteropolitana em especial, são instâncias do pensamento progressista do país, desde os tempos das Revolta dos Malês e a Sabinada. Historicamente, a Bahia é uma terra onde as discussões contemporâneas são tratadas com o devido respeito e importância. No caso do enfrentamento ao racismo, o estado é uma referência mundial, evidenciado pela importância dos Blocos Afro, por exemplo, como o Ilê Ayê, o Olodum e o Malê de Balê, que foram a base para o sentimento de orgulho das origens africanas que veio a compor a origem do Samba Reggae e, posteriormente, da Axé-Music. Não seria surpreendente que o time mais progressista do Brasil fosse da capital baiana.

Figura 10 - Atleta de boxe Hebert Conceição em campanha do E.C. Bahia na Semana da Consciência Negra.



Fonte. Galáticos.

Um dos momentos mais destacáveis da postura do clube com relação aos temas da agenda contemporânea está associado ao marketing desenvolvido no período da gestão do presidente Guilherme Belintanni – que é branco, confirmando que a luta antirracista é também dos não-negros –, finalizado em 2023. Através de campanhas conscientizadoras, como na imagem acima da campanha protagonizada pelo *boxer* Herbert Conceição, ele utilizou o futebol do time que comandava para trazer a discussão dos temas importantes para a sociedade. O futebol é um excelente suporte para as mais diversas discussões do nosso momento existencial. No entanto, jogadores e técnicos ainda passam a impressão de que vivem em ambientes desconectados da “verdadeira verdade”, como diria o Cidade Negra. Uma das exceções a essa regra é o técnico Roger Machado, que treinou o Bahia em 2019 – atualmente, é treinador do Juventude. Durante o período em que treinou o tricolor de aço, o técnico,

podemos dizer, fez história. Dentro de campo, o rendimento do time foi considerado acima das expectativas, principalmente no primeiro turno do campeonato brasileiro, sendo exemplificado pelo triunfo sobre o Flamengo, campeão do Brasileirão 2019, que já contava com o técnico Jorge Jesus e estrelas com os laterais Felipe Luís e Rafinha, vindos do exterior para reforçar a equipe rubro-negra carioca.

Apesar de, no segundo turno, ter havido uma queda notória no rendimento do time em campo, fora dele Roger Machado apresentou uma postura que fez com que muitos torcedores desejássemos sua permanência, apesar dos reveses dentro de campo. Em um momento no qual os jogadores de futebol chegaram ao pico da futilidade e falta de senso coletivo e social, o técnico do Bahia apresentou uma visão crítica admirabilíssima com relação a diversos problemas sociais, em especial o racismo. Na coletiva de imprensa, após o histórico confronto entre Fluminense e Bahia que contrapôs os únicos técnicos negros da série A daquele campeonato, Roger deu uma aula de compreensão, análise e combate ao racismo, questionando, inclusive, o número limitadíssimo de técnicos negros. Em outro momento, convidou três crianças, negras, que vendiam amendoim perto do CT do clube a assistirem o treino. Esse posicionamento atípico e encantador de um ex-jogador, atualmente técnico, certamente foi uma das razões que levou a câmara de vereadores de Salvador a conceder não só a medalha Zumbi dos Palmares, ofertada àqueles que lutam contra o racismo, mas também o título de cidadão soteropolitano: homenagem justa de uma cidade que, de acordo com dados oficiais do IBGE, possui cerca de 80% da população composta por negros e afrodescendentes. População essa que enfrenta o racismo em sua vida cotidiana e, também, nos campos de futebol. Há várias formas de enfrentamento e o centroavante Endrick, quando ainda jogava pelo Palmeiras, fez uso de um expediente bastante peculiar: a ironia rebuscada.

Em jogo válido pela Copa Libertadores da América no mês de maio de 2024, o jovem atacante, quando marcou um gol de cabeça na goleada de 5 a zero do Palmeiras sobre o time uruguaio do Liverpool, comemorou imitando a forma de se locomover de um gorila: finalizando com um grito enquanto batia continuamente no peito, como vemos na imagem abaixo. Os adversários do time adversário ficaram irritados e foram cobrar o jogador por acharem aquela comemoração desrespeitosa. No entanto, o jogador brasileiro já havia feito a mesma comemoração em jogo contra o time argentino do Independiente Del Valle e explicado – antes que qualquer mal-intencionado tentasse alegar que havia um caráter racista em seu gesto – que aquela comemoração era uma homenagem ao personagem *King Kong* do filme homônimo. Nessa obra cinematográfica, o protagonista é uma força da natureza que destrói tudo o que está à sua frente, como desejava mostrar a jovem promessa a seus oponentes. Talvez, sem nem mesmo ter tido consciência, Endrick acabou ironizando a abordagem racista dos criminosos disfarçados de torcedores ao imitarem gestos de macacos em direção a jogadores negros. Contudo, ele foi açoitado pelos uruguaios, mas, consciente da necessidade de os ânimos serem acalmados, desculpou-se com a torcida adversária, pois seu gesto não denotava desrespeito. Apesar disso, foi advertido com o cartão amarelo.

Figura 11- Atacante Endrick em comemoração homenageando o personagem King Kong.



Fonte: Reprodução.

Apesar da injustiça do cartão recebido pelo atacante palmeirense, à época, esse expediente é uma forma válida de advertência e punição no campo de jogo. Então, ele também poderia ser utilizado no combate antirracista no futebol, através da inclusão do cartão preto<sup>12</sup>. Esse cartão seria usado para sinalizar eventos racistas ocorridos entre atletas e/ou oriundos das arquibancadas. Dessa forma, o jogo poderia ser paralisado, os agressores identificados e conduzidos às instâncias legais do local onde a partida fosse realizada. Dessa forma, o futebol poderia ser utilizado, de maneira prática, para o enfrentamento direto contra o racismo, afinal, a criação dos cartões amarelo e vermelho pode ter sido provocada pelas críticas à violência sofrida por Pelé no jogo contra a seleção de Portugal, na Copa de 1966. Passadas as décadas, vemos que os jogadores de futebol negros ainda são agredidos: se não violentados fisicamente, tendo suas morais aviltadas pelos racistas, que não conseguem aceitar que a sociedade progride e, inevitavelmente, passa por cima dos que tentam manter seus privilégios, através da continuidade dos processos exploratórios e excludentes que vigiam tempos atrás. Na partida entre Brasil e Uruguai, em Salvador, na véspera do Dia da Consciência Negra, a CBF passou a adotar em todo país, um protocolo antirracista, criado pela FIFA e inspirado no gesto do “Wakanda Forever” apresentado ao mundo pelo filme Pantera Negra: o jogador que for alvo de abusos racistas deve cruzar os braços, como vemos na imagem abaixo, sobre o peito para que a partida seja paralisada. A adoção desse protocolo na cidade mais negra fora da África na véspera da data que celebra a memória de Zumbi dos Palmares<sup>13</sup> é, também, uma forma de reconhecer a essencialidade da capital baiana e dessa data na discussões étnicas, em nosso país.

<sup>12</sup> No futebol gaélico, ele é utilizado para deixar o jogador fora da partida por 10 minutos. Na segunda ocorrência, o atleta é expulso.

<sup>13</sup> No estado da Bahia, o mês de novembro – chamado de Novembro Negro – é dedicado integralmente a eventos voltados para as questões étnicas.

Figura 12 – Vini Junior fazendo gesto antirracista.



Fonte: Rafael Ribeiro/CBF

Recentemente, após alguns meses sem que esse crime fosse flagrado em campo, em jogo realizado no mês de junho, válido pelo Campeonato Brasileiro de 2024, entre Fortaleza e Atlético Mineiro, o volante Pedro Augusto – que, fenotipicamente, lembra mais um indivíduo branco – acusou um meio-campo da equipe do Fortaleza de tê-lo chamado de “negro de merda”. O jogador acusado é argentino, mas o que torna a situação mais incompreensível é que ele joga em um time nordestino. Apesar de ter colocado a acusação na súmula, o juiz indicou que não havia visto aquela situação dentro de campo, deixando margem para um provável arquivamento da acusação, o que em nada contribuiria para a luta antirracista. Hoje em dia, os negros temos a obrigação de, assim como fizeram Pelé, Tinga, Aranha, Endrick e Vini Jr., não acatarmos a posição subalterna de vítimas desse crime, mas sim, de alzoques de racistas. É uma batalha cansativa, por vezes desestimulantes<sup>14</sup>, mas é um enfrentamento inevitável, caso desejemos uma sociedade em que, verdadeiramente, as pessoas sejam tratadas com o devido respeito que todo ser humano merece.

## Referências

DUARTE, Luiz Carlos. **Friedenreich**: a saga de um craque nos primeiros tempos do futebol brasileiro. São Caetano do Sul: Ed. Casa Maior, 2012.

FILHO, Mário Rodrigues. **O negro no futebol brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2010.

GARRIDO, Atilio. **Maracanazo**: da euforia ao silêncio de uma nação. Tradução: Ana Luisa Bailac. Rio de Janeiro: Livros Ilimitados Editora, 2014.

MATTA, Roberto da. **O Universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

MÁXIMO, João; CASTRO, Marcos de. **Gigantes do futebol brasileiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2011.

NASCIMENTO, Marcelo Cordeiro do. **Ludopedismo**: a ciência do futebol arte. Curitiba: Editora CRV, 2022.

---

<sup>14</sup> Às vezes, tendo que enfrentar outros negros que fazem o jogo dos brancos racistas, no que o ativista norte-americano Malcom X chamou de “*House nigger*”, o “negro da casa”.

RIBEIRO. André. **Diamante Negro**: biografia de Leônidas da Silva. São Paulo: Ed. Cia dos livros, 2010.

RIBEIRO. Péris. **Didi**: o gênio da folha-seca. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Gryphus, 2014.

SANTOS. Henrique Sena dos. **Pugnas renhidas**: futebol, cultura e sociedade em Salvador (1901-1924). Salvador: Edufba, 2014.

SILVA, Maria Aparecida da. **Pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

### **Contribuições da autoria**

Marcelo Cordeiro do Nascimento: Conceitualização, Organização, Interpretação e Análise de Dados, Investigação, Metodologia, Redação.

**Data de submissão:** 11/07/2024

**Data de aceite:** 25/11/2024